

---

**ORIGEM DO FUTEBOL NA INGLATERRA NO BRASIL**Alex Fernandes de Oliveira<sup>1</sup>**RESUMO**

Este artigo remete as origens do futebol, demonstrando historicamente a sua prática pela sociedade em seu berço natal na Inglaterra e depois no Brasil. Busca-se uma contextualização histórica e oficial do esporte no período da revolução industrial, e seu emprego como ferramenta doutrinária dos valores do capitalismo. O texto aborda também a disseminação do esporte no Brasil, bem como o contexto de seu início elitista, até a sua incorporação cultural pelas massas, que passou a compor um importante elemento diferencial da identidade do povo brasileiro.

**Palavras-chave:** História, futebol, Brasil, Inglaterra.

**ABSTRACT**

This article refers to the origins of football, historically demonstrating its practice by society in its birthplace in England and later on in Brazil. Historical and official contextualization is searched in industrial revolution age, and its use as axiom tool of capitalism values. The text also approaches the spread of the sport in Brazil, as well the context of the elitist beginner, until its cultural merge by the masses, which now compose an important element of the differential identity of the Brazilian people.

**Key words:** History, Football, Brazil, England

1-Universidade Santa Cecília, Santos - SP

E-mail:  
alex.fo@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

O poder que o futebol exerce na sociedade, também pode ser compreendido pelas cifras que o esporte movimenta em todo o mundo. Segundo informações da pesquisa realizada pelo jornalista Cláudio Nogueira, publicada em 2010 no livro intitulado Zeros a Direita, Marketing e Mídia no Esporte, a indústria do futebol movimenta na economia globalizada cerca de US\$ 250 bilhões por ano.

Estima-se que 75% dos patrocínios, em âmbito mundial, sejam destinados ao futebol. Os jogos da Copa do Mundo da África do Sul em 2010 foram acompanhados por cerca de 80% da população mundial.

Analisando esses dados, torna-se simples concluirmos que o futebol é de fato o esporte mais popular da terra. A popularidade do esporte se deve pelo fascínio que o mesmo desperta nas pessoas de todas as classes sociais.

Porém, ao pesquisarmos e analisarmos o futebol constata-se que nem sempre sua prática foi incentivada pela sociedade. Muito tempo antes de ser considerado até mesmo um esporte (26/10/1863 é a data da fundação da *Football Association* e a criação das 13 regras que o regulamentaram como esporte), o futebol já vinha sendo praticado há tempos pela plebe no interior da Inglaterra.

Este artigo remete as origens do futebol, demonstrando historicamente a sua prática pela sociedade em seu berço natal na Inglaterra e depois no Brasil.

### A origem do futebol na Inglaterra

A prática do futebol não era considerada um esporte entre os séculos XVI e meados do XIX, uma vez que praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza, que tinha preferência por outras atividades, tais como a prática do arco-flecha e equitação. No passado, os esportes tinham como objetivo simular os combates que ajudaram a moldar o mapa geopolítico da Europa.

Assim, o futebol era visto como um “passatempo” vulgar pela aristocracia agrária e o clero, que acreditavam que fosse uma atividade desregrada e induzia os camponeses à violência, sendo a causa de muitas mortes por todo o reino. O clero responsabilizou o

futebol pelo afastamento dos fiéis das igrejas, uma vez que os homens preferiam jogar futebol a frequentarem as missas dominicais.

Com o processo de consolidação da revolução industrial o hábito de praticar o futebol migrou da classe camponesa para os proletariados dos grandes centros urbanos, e isso trouxe um novo inimigo: A burguesia. Essa nova classe social combatia o “passatempo” dos operários, pois esse reduzia a produtividade dos trabalhadores que se machucavam frequentemente (Hobsbawn, 1987).

No ano de 1835 o parlamento Inglês instituiu uma lei para coibir a prática do futebol nas ruas da Inglaterra, porém houve muita resistência por parte do povo em relação à proibição.

A marginalização na Inglaterra seguiu até por volta de 1870, quando em plena era Vitoriana os trabalhadores conquistaram o direito a folga nas tardes de sábado, que seriam ocupadas pela prática do então novo esporte que havia sido recém regulamentado (Helal, 1997)

O futebol devidamente disciplinado convergia os interesses dos pedagogos que passam a estimular sua prática nas escolas, como também do capital, que passa a enxergar no esporte um novo aliado, pois servia de ferramenta de doutrinação e formatação dos valores da burguesia, tendo em vista que propagava na sociedade a competitividade dentro de regras pré-estabelecidas. Essa linha fundamenta a abordagem universalista mencionada por DaMatta (1982), que vê no futebol uma ferramenta doutrinária do capitalismo exportada para todo o mundo.

### A origem elitista do futebol no Brasil

Em outubro de 1894 desembarca no Porto de Santos, proveniente da Inglaterra, o jovem estudante paulista Charles Miller. Em sua bagagem, o considerado pai do futebol no Brasil, trazia duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte (Aquino, 2002).

Durante o período em que Charles Miller esteve estudando na Inglaterra, o Brasil passou por profundas transformações, principalmente nos ambientes socioeconômicos e políticos. Charles Miller deixou um país monárquico e escravocrata, e

reencontrou um Brasil republicano, que recém havia abolido a escravidão e trocara a mão de obra negra por trabalhadores imigrantes assalariados.

Essas condições conjuminadas podem explicar a rápida disseminação do futebol no Brasil. Devido à abolição da escravatura, um grande contingente de negros recém libertos migrou das zonas rurais para as grandes cidades. A capital da república o Rio de Janeiro, assistiu sua população mais que dobrar entre os anos de 1890 e 1920, quando a cidade passou de 520.000 para 1.150.000 habitantes.

Uma grande parcela dessas pessoas era composta principalmente por negros, mulatos e brancos pobres de origem europeia, que se amontoavam em cortiços insalubres e violentos na área central e portuária da capital federal da época. Esse crescimento populacional desordenado levou o Rio de Janeiro a atingir índices alarmantes de doenças, tais como a tuberculose, que segundo a revista Brasil Médico de 1895 era a causa de 15% das mortes registradas na cidade. Em 1916 o Rio de Janeiro era o local de maior número de casos de tuberculose no mundo.

Diante esse quadro, visando “modernizar” o Rio de Janeiro e livrá-lo da “degeneração racial”, o então Presidente da Republica Rodrigues Alves (1902-1906), determina uma nova política urbana, que estabelecia a abertura de amplos espaços públicos, onde antes existiam ruas estreitas, becos mal iluminados e cortiços infestados de doenças e degeneração moral, como alguns pregoavam (Aquino, 2002).

O modelo de reforma urbana, *Belle Epoque* como ficou conhecida, deveria servir de referencial para as demais cidades brasileiras. O Brasil deveria incorporar em seu sistema cultural um conjunto de “europeísmos”, que seriam destinados a marcar o imaginário e a memória coletiva (Freyre, 2004).

Assim, graças a empréstimos externos e a recursos financeiros advindos do aumento nos preços da saca de café no mercado internacional, as grandes cidades brasileiras passaram por obras que forneciam aos cidadãos espaços ao ar livre, destinados à socialização e o esporte.

As diretrizes da *belle époque* estabeleciam um novo padrão social, não só

na esfera estética urbana, mas também pretendiam influenciar na conduta dos indivíduos, criando novos hábitos na população que pretendesse usar os recém abertos espaços públicos. Os homens, seguindo o modelo Frances ou Inglês, deveriam trajar-se adequadamente como um cavalheiro, assim como, estavam proibidas as rodas de capoeira dos negros.

As grandes reformas urbanas europeias do século XIX abriram amplos espaços públicos, preencheram-se com monumentos que expressavam o triunfo da burguesia e dotaram-nos de eventos e cerimoniais atléticos de apologia ao ideal de mens sana in corpore sano (Mascarenhas, 1999 p.18).

Dessa maneira, o futebol começa a se espalhar pelos novos espaços públicos, em regiões centrais nas grandes cidades. Em um primeiro momento, a prática atraiu principalmente os jovens da elite que se organizavam em clubes e escolas ligadas às colônias de imigrantes, como também o meio industrial dominado pela aristocracia de origem europeia (Helal, 2007).

Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do consequente afastamento dos demais setores sociais (Franco Junior, 2007, p. 62-63).

Não era somente o futebol que despertava o interesse dos jovens das elites, mas sim toda forma de atividade física que pudesse valorizar os ideais da burguesia, que enxergavam nisso uma forma de superioridade. O boxe, críquete, *rugby*, além das atividades náuticas, que originaram os clubes de regatas no Rio de Janeiro e clubes situados na beira do Rio Tietê em São Paulo.

Ser um *sportman*, termo que designava o futebolista, ou adepto de uma atividade física na velha república era fazer parte de um seleto grupo que cultuava os valores da aristocracia, pois somente a elite poderia dar-se ao luxo de dispor de tempo e recursos para praticar esportes nos clubes ou praças de esporte, que posteriormente se tornariam estádios de futebol.

Como subgrupo social, pertencente a um grupo ainda maior, o *sportman*, ou até

mesmo os frequentadores das praças esportivas que acompanhavam as partidas, possuíam seu código de conduta e sinais próprios, que os distinguíam dos demais grupos e subgrupos. Assim, obedecendo ao padrão da linguagem semiótica, os *sportman* tinham um estilo de vida próprio que se traduzia em uma moda alimentada por uma indústria que crescia a cada dia.

Possuir o traje de jogo, ou uniforme para a prática do futebol, era elemento primordial para pertencer a um *team*. A roupa, assim como a moda, sempre teve o caráter de marcar uma distinção limítrofe entre os indivíduos (Chevalier, Gheerbrant, 1991).

As sociais dos estádios de futebol eram palco de desfile de uma moda futebolística. Para completar a imagem do *sportman* perfeito, não podiam faltar os bigodes, que foram substituídos pela barba enquanto marca de importância social (Freyre, 2004).

O futebol não demorou a contagiar as camadas menos favorecidas da população brasileira. O esporte que nasceu branco, dentro de clubes aristocráticos das grandes cidades industrializadas, passa a ter também uma identidade popular, quando negros e mulatos se organizam de maneira precária em times pelos subúrbios e cidades pequenas, além das cidades portuárias, que organizavam times de locais para enfrentamento de times formados por tripulações de embarcações estrangeiras, como foi o caso da cidade de Santos, que acabou por fundar o clube Santos Futebol Clube.

Enquanto os ricos e brancos jogavam nos clubes elegantes, com equipamentos esportivos sofisticados e caros, os negros e pobres jogavam entre si, com material esportivo velho e improvisado. Porém, a agilidade dos menos favorecidos despertava o interesse das equipes populares recém-formadas, que buscavam alternativas criativas para remunerar esses jogadores, uma vez que tal prática era mal vista pela elite que pregoava o amadorismo.

### **Os negros e a origem do futebol no Brasil**

A incorporação do futebol pelos negros e mulatos não se deu de maneira serena e cordial. Inicialmente os jogadores dos clubes elitistas até gostavam de jogar contra esse tipo de gente, assim podiam impor a

supremacia do poder econômico e da cor (Mario Filho, 2003).

A sociedade oferecia poucos postos de trabalho para os negros recém libertos, que disputavam as oportunidades em condições desiguais com os trabalhadores brancos migrantes provenientes da Europa. O futebol surgia neste contexto como uma das raras oportunidades de ganho financeiro e ascendência social para a população negra e pobre do Brasil.

Para Murad o conflito racial e de classes que se estabeleceu pelos campos do Brasil, contribui para disseminar o estilo brasileiro de se jogar futebol, o que também passou a ser conhecido mundialmente como futebol arte.

Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo eram expulsos de campo. Esta redução de espaço dentro das “quatro linhas”, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando físico e reinventando os espaços (Murad, 1994 p. 188).

O processo de transição do amadorismo para a profissionalização dos jogadores de futebol no Brasil, também envolveu aspectos raciais. Nos anos vinte do século passado a equipe do Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro foi o primeiro clube de elite a aceitar defender a presença de atletas negros recém profissionalizados nos campeonatos de futebol.

A equipe de negros, mestiços e pobres montada pelo Vasco da Gama para a disputa do campeonato de 1923, causa grande impacto na estrutura recém organizada do futebol do Rio de Janeiro. A conquista do título carioca de 1923 pela equipe Cruz Maltina culmina com ruptura por parte das equipes amadoras e brancas do Fluminense, Botafogo, Flamengo, América Bangu e São Cristóvão, que fundaram em 1924 a Associação Metropolitana de Esportes Amadores. Essa associação não contaria com a participação do Vasco da Gama, que recusava-se a excluir de seus quadros 12 jogadores negros (Franco Junior, 2007).

# Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

A saída do Vasco da Gama do campeonato carioca de 1924, fez com o que o grande público se desinteressasse pelo certame disputado somente por brancos bem nascidos. Os torcedores prefeririam acompanhar os jogos da liga extra oficial para ver em campo a arte dos negros vascaínos (Helal, 2007).

A reunificação do futebol carioca se dá no ano de 1925, quando o então presidente do Botafogo Carlito Rocha intermédia a inclusão da equipe mestiça do Vasco no campeonato organizado pela Associação Metropolitana de Esportes Amadores, desde que os negros se parecessem com brancos. A exigência fez com o que os jogadores buscassem subterfúgios, como esconder os cabelos e se maquiassem com pó de arroz a fim de esconder o a cor negra da pele (Mario Filho, 2003).

## CONCLUSÃO

A história do futebol está intrinsecamente ligada ao confronto entre as classes sociais. Desde a época dos camponeses e nobres na Inglaterra, até sua chegada elitista no Brasil, a prática futebolística esteve presente nos conflitos entre pobres e ricos.

Essa disputa de forças entre poderosos e oprimidos, é a origem do futebol na Inglaterra no Brasil.

## REFERENCIAS

1-Alvito, M. A história do futebol inglês. 2008. In: blog. Disponível em: <http://cc.bingj.com/cache.aspx?q=www.historiafutebolingles.blogspot.com%2f&d=4967607147233412&mkt=pt-BR&setlang=pt-BR&w=547a19b8,c8ed83dd>. Acesso em: 23/10/2012.

2-Alvito, M. O esporte que vendeu sua alma. 2007. In: Revista Piauí. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-15/carta-da-inglaterra/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma>. Acesso em: 25/10/2012.

3-Aquino, R. S. L. Futebol Uma Paixão Nacional. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002.

4-Chevalier, J.; Gheerbrant, A. Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 5ª edição. Rio de Janeiro. José Olympio. 1991.

5-Da Matta, R. Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira: Rio de Janeiro. Pinakothek. 1982.

6-Filho, M. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição. Rio de Janeiro. Mauad. 2003.

7-Franco Junior, H. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo. Companhia das letras. 2007.

8-Freyre, G. Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo. Global. 2004.

9-Futebol, cigarro e Whisky no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://siepconsumo.com.br/pdf/Sess%C3%A3o%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20l/Futebol,%20whisky%20e%20cigarros.pdf>. Acesso em 23/10/12.

10-Helal, R. Passes e Impasses. Petrópolis. Vozes. 1997.

11-Helal, R.; Soares, A.; Lovisoló, H. A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro. Mauad. 2007.

12-Hobsbawn, E. Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

13-Nogueira, C. Zeros a Direita: Marketing & Mídia no Esporte. Rio de Janeiro. 2010.

Recebido para publicação em 15/05/2012  
Aceito em 12/07/2012